

VIEIRA, Suzane de Alencar. Césio-137. O drama azul: irradiação em narrativas. Goiânia: Cãnone Editorial, 2014, 194p.

OLAVO DE SOUZA PINTO FILHO

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v25i25p482-486

Quando o caminhão blindado assomou na rua do cemitério, um motim ruidoso começou o ataque lançando palavras de rechaço e protesto que evoluíram para insultos. O caminhão ultrapassou o cordão de isolamento, venceu a resistência da multidão e seguiu em direção às duas covas. Pedras, torrões de barro, nacos de paralelepípedo, pedaços de cruces eram atirados com fúria contra todo o aparato de veículos blindados e guindastes. Sob uma chuva de pedregulhos e estilhaços, os técnicos da CNEN iniciavam a complicada operação de retirada dos caixões de chumbo que pesavam toneladas. Os poucos parentes das vítimas se escondiam atônicos na confusão para não se tornarem novos alvos da ira popular. A artilharia de pedras não parou nem mesmo quando os caixões desceram às sepulturas com a ajuda de guindastes. Os ruídos pavorosos daquela revolta tornaram inaudíveis as palavras do padre que tentava coordenar aquela tensa cerimônia de sepultamento. Ao invés do descanso do barro, da terra, os mortos se refugiavam no abrigo do chumbo e do concreto. O retorno cristão ao pó não seria possível. (p.31)

O trecho que serve de epígrafe a esta resenha relata o sepultamento das primeiras vítimas do acidente radiológico com césio-137, ocorrido na cidade de Goiânia no dia de 26 de outubro de 1987, quando dois homens encontraram uma cápsula no prédio abandonado do instituto de radiologia daquela cidade e a venderam num ferro velho. Ao abrir a antiga cápsula e liberar as partículas do césio, uma sequência de eventos é desencadeada com a morte e destruição de vidas que entraram em contato com a substância radioativa. Ao todo milhares de pessoas foram monitoradas e ao menos uma centena foi contaminada, quatro morreram ainda naquele ano.

Narrativas sobre esse evento são o tema da dissertação de mestrado, agora transformada em livro, de Suzane de Alencar Vieira: *Césio-137. O drama azul: irradiação em narrativas* (2014). O drama ocupa um lugar central na análise da autora, dada a importância de sua dinâmica, desde o evento radiológico e em suas atualizações moduladas nos acontecimentos, ao se estender para acompanhar a densidade temporal do evento em suas múltiplas narrativas e nas memórias.

Por meio da etnografia sobre o evento, ela mesma convertida em uma variação do drama, Vieira traz para o texto a vida das pessoas que, expostas direta ou indiretamente ao brilho azul do césio, foram categorizadas pelo Estado, mídia e médicos como vítimas, sendo submetidas a inúmeros processos de controle. Foi a partir de sua “irradiação” que o signo radiológico, nas palavras da autora, “penetrou no sistema de prestações e contraprestações entre parentes e vizinhos por meio de fragmentos extraídos do interior da cápsula de césio-137, ou por meio da circulação de objetos e animais contaminados” (p. 21).

Destaco, primeiramente, o argumento de Vieira no que diz respeito a sua visão sobre a “forma drama”. Como elabora a autora, o drama narrado é uma das versões possíveis sobre o evento radiológico do césio-137. Na tentativa de integrar o montante de narrativas com a forma dramática inerente ao contar das histórias sobre o evento radiológico, o trabalho de antropóloga se assemelharia ao trabalho de “desenterrar, escavar o monturo de detalhes e fragmentos de histórias acumuladas ao longo de 22 anos” (p. 31).

Entre as principais virtudes do livro, resalto a proposição da autora em pensar um outro rendimento teórico para a noção de “drama social”, não se restringindo a uma mera aplicação ou uso do conceito. Ao contrário, sua proposta é utilizar a noção de “drama” como “forma” – realizando, me arrisco a dizer, um uso não formal da noção de forma em seu desenho analítico. Nesse sentido, o drama em sua análise atuaria transversalmente enquanto uma “configuração”, um “processo” e mesmo uma “moldura” para traduzir o evento. O argumento é tributário do conceito de “drama social”, originalmente desenvolvido na monografia de Victor Turner. Contudo, o drama que configura e é configurado através dessas narrativas não seria derivado da contradição entre princípios estruturais da ordem social. Na visão da autora, seria justamente o contrário: oriundo de uma catástrofe, sua ocorrência seria estruturalmente indeterminável. Assim, seguindo a proposição da autora, oblitera-se o “social” e a dimensão estrutural do conceito de Turner.

Embora o tema das narrativas seja o evento do césio-137, a análise se desdobra a partir de sua forma: “O modelo dramático prolongar-se-ia para além da unidade de ação primordial do evento e alcançaria também novos episódios e a produção de narrativas e de símbolos compreendidos em 22 anos de evento” (p. 38). Nessa composição, modelos e narrativas vão configurando-se mutuamente, ao oferecer “os contornos e paradigmas para novas narrativas” (p. 37). A relação entre drama e evento atravessa todo o argumento do livro.

Tal proposição analítica é evidenciada já no primeiro capítulo. Na tessitura de seu argumento, Vieira alia o conceito de “drama social” de Victor Turner ao de “evento crítico”, de Veena Das (1995). O acidente com o césio-137 é pensado, então, como um “evento crítico” que instaura uma ruptura no plano das relações sociais. O objetivo é analisar os efeitos da ruptura do evento e os desdobramentos da experiência traumática nas subjetividades. Um evento crítico, diz Veena Das, não se encerra no momento de sua ocorrência, ele é ampliado e dura em seus relatos e memórias, articulando múltiplas temporalidades: histórias de vida, história do evento, história nacional e o tempo do trabalho de campo e da etnografia. Nesse ponto, diz Vieira:

Penso que o evento não apenas acompanha a extensão de seus efeitos, mas também é movido por uma dinâmica dramática que expande o processo de constituição do evento para o campo da narrativa. Tentei incorporar o evento, a produção de narrativas e a criação simbólica em um mesmo processo dramático, pois penso que há um entrelaçamento configurativo entre evento e narrativa, no caso do acidente radiológico. (p. 34)

Tomando como foco as narrativas de ampla circulação pública, a autora consegue evidenciar a intrincada relação entre evento e narrativa, que permite a configuração de uma “comunidade de sofrimento”. Ao seguir a circulação dessas narrativas, Vieira demonstra como as narrativas dramáticas participam do processo de reconhecimento e, principalmente, da construção da noção de vítimas, tema do segundo capítulo.

A discussão sobre a construção da noção de vítima permeia tanto as categorizações técnico-científicas quanto a apropriação da figura das vítimas pelas narrativas e a transformação daquelas em personagens das histórias. A autora descreve como tais caracterizações envolvem intensas e dramáticas disputas políticas, além dos critérios de avaliação física de marcas ou sinais de exposição radiológica, ou pessoas que entraram em contato com a substância radioativa no processo de contenção e destruição dos objetos contaminados.

Vieira descreve com minúcia os efeitos do césio-137. Desconhecida e perigosa, tal substância passa a fazer parte da constituição do corpo da vítima, prolongando seus efeitos ao longo de gerações através de alterações genéticas. Assim, podendo vitimar pessoas que não tiveram contato imediato com essa substância, a contabilidade de pessoas atingidas fatalmente cresce com o passar dos anos. Tais afecções são cruciais para categorização das pessoas em vítimas: a substância radiológica se inscreve no corpo, circunscreve a categoria vítima e passa a intermediar e restringir suas relações.

No terceiro capítulo, a autora tematiza a configuração de “comunidade de sofrimento”, ao descrever como o drama afeta e envolve outras pessoas além das vítimas e de que modo a dispersão das narrativas desenha um campo público no qual as experiências do evento são comunicadas e compartilhadas:

As narrativas configuram uma comunidade extensível e abstrata cujo vínculo ou conexão entre as pessoas se faz por referência a um sofrimento compartilhável ou comunicável. Compartilhar uma experiência não assume o sentido de empatia, de identificação com o ponto de vista das vítimas, tampouco se trata de uma comunhão de afetos. (p.79)

Segundo a autora, o relato organizaria a “experiência de sofrimento”, vinculando o sujeito que figura no relato como membro dessa comunidade. Tais experiências seriam suscitadas por narrativas e imagens do evento, por meio de ficções literárias, filmes e criações artísticas. Nesse sentido, ganha relevo o traço testemunhal e o papel do relato antropológico como mediador em situações de catástrofe: “O texto etnográfico entrecortado por relatos pessoais do pesquisador sobre sua experiência pode adquirir um estatuto de testemunho ao veicular um esforço em traduzir uma experiência compartilhada da catástrofe” (p.108).

O tema da temporalidade do drama é apresentado no quarto e último capítulo. As análises das narrativas seguem as articulações entre tempo vivido, tempo histórico e tempo ficcional. Na medida em que as histórias vão sendo produzidas e recontadas ao longo dos anos do evento, a autora destaca o modo como dois momentos distintos atravessam o “processo dramático”: “o tempo em que o drama desabrocha e o tempo em que o drama se condensa em um modelo que pode ser agenciado ficcionalmente”. A narrativização do evento provoca uma dinâmica no drama, expandindo-o e deslocando-o em uma linha cronológica. Tais dimensões são atualizadas a cada nova produção narrativa. Nesse ponto, o argumento da autora é enfático: “A etnografia, enquanto uma narrativa sobre o evento, incorpora e atualiza o drama como marco da análise e da descrição do tema e é também absorvida no processo dramático” (p. 145).

Ao objetivar as narrativas e não as pessoas como vítimas, Vieira evidencia seu compromisso ético na produção da etnografia: não tornar as pessoas novamente vítimas ao reviverem suas dolorosas experiências no encontro etnográfico. A própria escrita da autora figura, então, como uma forma de valorizar as potências de vida dentro de um cenário marcado pela tragédia. As descrições dessas experiências demonstram um cuidado que não diminui a complexidade dessas relações. Uma lição que devemos seguir.

autor

Olavo de Souza Pinto Filho

Possui graduação em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB) e mestrado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é doutorando em Antropologia Social do PPGAS-USP. Tem experiência na área de antropologia, com ênfase em antropologia das populações afro-brasileiras, tendo interesse nos seguintes temas: teoria antropológica, parentesco, religiões de matriz africana. Realiza pesquisas sobre Ifá e candomblé nagô em Recife.

Recebido em 08/12/2016

Aceito para publicação em 18/01/2017